

**CAUSOS DE ASSOMBRAÇÃO:
ENTRE SENTIDOS E ORTOGRAFIA**

Lidiane Martins (UEMS)

lmartins63@yahoo.com.br

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

sierra@uems.br

Adélia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)

adelia@uems.br

RESUMO

O presente trabalho propõe incentivar a produção criativa e, nesta sequência, centrar os esforços nas análises dos usos adequados das variedades linguísticas. A partir de estudos do gênero “lendas urbanas”, de modo especial, volta-se à produção escrita de casos de assombração, suas construções de sentido e usos das ortografias em textos de alunos (as) do 7º ano do ensino fundamental, da rede pública, de Guia Lopes da Laguna. Centramos esforços na ampliação das habilidades linguísticas e discursivas em língua portuguesa escrita, visto que isso contribui para que os sentidos sejam construídos. A proposta deu-se pelo fato de o processo de escrita ser um dos grandes desafios das aulas de Língua Portuguesa, e um dos motivos que interferem diretamente nos resultados finais; além da necessidade de propor continuamente, estratégias que possam contribuir para as habilidades de oralidade, leitura(s), produção textual e análise(s) linguística(s). As ações e reflexões produzidas ao longo dos objetos de estudos seguem com embasamento teórico de Geraldi (2015), Possenti (1996), Bagno (2007), Fernandez (2012), Bakhtin (2016), Marcuschi (2008), Wachowicz (2012) e documentos oficiais da área de LP.

Palavras-chave:

Ortografia. Sentidos. Narrativas de terror.

ABSTRACT

The present work proposes to encourage creative production and, as a result, to focus efforts on analyzing the appropriate uses of language varieties. From studies of the genre “urban legends”, in particular, we turn to the written production of causes of haunting, their meaning constructions and the use of spellings in texts of 7th grade students from the elementary school. Lopes da Laguna. We focus our efforts on expanding the linguistic and discursive skills in Portuguese written language, as this contributes to the construction of the senses. The proposal was due to the fact that the writing process is one of the great challenges of Portuguese Language classes, and one of the reasons that directly interfere in the final results; and the need to continually propose strategies that can contribute to oral, reading(s), textual production, and linguistic analysis(s) skills. The actions and reflections produced along the objects of study follow the theoretical basis of Geraldi (2015), Possenti (1996), Bagno (2007),

Keywords:

Orthography. Sense. Terror narratives.

1. Introdução

Ministrar aulas na disciplina de Língua Portuguesa – LP é tarefa no mínimo desafiadora diante dos inúmeros objetivos que essa função requer como, por exemplo, a exigência de um trabalho que inclua pelo menos os quatro eixos da língua, oralidade, leitura, produção textual e análise linguística.

É certo que a língua é um todo e suas modalidades estão de certa forma intrinsecamente ligadas, porém, essa questão que na maioria das vezes contribui com o crescimento das habilidades dos estudantes, às vezes dificulta na aquisição de uma competência linguística, quando um dos eixos não foi desenvolvido satisfatoriamente pelo discente.

O processo de escrita, por exemplo, é um dos maiores desafios do professor de LP. Na atualidade, um dos motivos que interfere nesse procedimento, é a ortografia, uma vez que os estudantes que não possuem domínio das normas de escrita cometem diversos deslizamentos tais como trocas, supressões, acréscimos ou inversões de letras, junção não convencional de palavras, entre outros; que influenciam na construção do sentido do texto.

É interessante ressaltar que essa preocupação dá-se pelo fato de que ao contrário do que se almeja, encontramos inadequações na escrita de estudantes de turmas do ensino fundamental II, período em que dever-se-ia estar com o processo de escrita concretizado. Um dos motivos desta *performance* pode estar na alfabetização e como consequência há diversas dificuldades de domínio das regras ortográficas, algumas até primárias.

Considerando que um dos objetivos da disciplina de LP é preparar o estudante para o domínio da norma padrão da língua. O presente trabalho intenciona realizar uma reflexão acerca do processo de escrita dos estudantes do 7º ano, da rede pública de ensino, de Guia Lopes da Laguna-MS; a partir de uma sequência de atividades pedagógicas em torno do tema, com narrativas de terror, de modo especial, partindo da lenda urbana “A loira do banheiro” até produções de causos de assombração.

O trabalho em questão contemplou-se os eixos de oralidade, leitura(s), produção textual e análise(s) linguística(s) com ênfase maior na produção escrita, suas construções de sentidos; e as adequações ortográficas.

A escolha do gênero “lendas urbanas”, deu-se com a intenção de despertar o interesse do público juvenil por considerar que a temática mistério ou “terror” são propícios para a idade de uma turma de 7º ano e, além disso, acredita-se que esse gênero, tenha a arte de desenvolver o fascínio entre as pessoas. O gênero narrativo de suspense tem por missão incentivar e facilitar a escrita de produções criativas.

A partir dessas considerações, tornam-se necessárias intervenções de incentivo às produções criativas, escrita de narrativas de terror, reescrita, e estratégias para o uso adequado do dialeto padrão. Assim, as aulas de LP, poderão tornar-se um espaço de leitura, produção e construção de sentidos.

Além disso, faz-se necessário uma reflexão acerca de teorias voltadas ao ensino de LP. Sendo assim, segue abaixo algumas discussões que serão relevantes para o trabalho aqui proposto.

2. Percursos teóricos para a discussão da experiência

É sabido que por muito tempo as aulas de LP, no Brasil, tiveram na gramática tradicional o seu principal espaço de ensino. Esse quadro modificou-se com a democratização escolar, a partir da década de 70 e o surgimento de novas concepções, inclusive de gramática, ganhando espaço no ambiente escolar. Com isso, houve conflitos, em especial para os docentes, que precisavam atender às reflexões sobre os novos conceitos normativos e didáticos do ensino de LP.

Nesse cenário, os conceitos de estudiosos como Geraldi (2015), Possenti (1996), Bagno (2007), por exemplo, que defendem concepções voltadas ao respeito às variantes linguísticas do falante; do ensino a partir de textos; e de gramática(s) que tenham o olhar ao funcionamento da língua, entre outros, foram e, ainda, são válidos para o processo de mudanças nos métodos de ensino nas aulas de LP.

Segundo Possenti (1996, p. 16), é o objetivo da escola ensinar o português padrão, ou, mais exatamente, criar condições para que ele seja aprendido, uma vez que a língua tem o papel de inclusão, pois além de

questões linguísticas, também é política e o uso de uma variante de prestígio atribui poder ao seu falante.

Na esteira da reflexão de Possenti, o domínio da norma-padrão é detentor de poder. Justifica-se, portanto, a necessidade de a escola dar possibilidades para que os discentes aprimorem o domínio dessa prática linguística. Considerando para isso o fato da língua ser sociocultural tem-se em determinadas comunidades índices altos de estudantes que não dominam o dialeto padrão.

Para o aprimoramento da variante de domínio, uma das questões que a escola não pode ignorar é a variante linguística do estudante. Como salienta Geraldi (2015), faz-se necessário observar as diferenças, considerar as variações linguísticas nas práticas de ensino de língua materna, pois independente da variação há sentidos nos discursos e essa interação contribui para a formação cidadã, papel da escola.

De uma perspectiva histórica, o confronto de diferentes formas linguísticas produz novas formas linguísticas: novo que contém o velho, mas que não é o velho. E participar da construção do novo, ter acesso às instâncias públicas de uso da linguagem – a escola é uma dessas instâncias – é construir-se cidadã (GERALDI, 2015, p. 37)

Assim, conforme salienta o autor, não se trata de “aprender a língua padrão” para ter acesso à cidadania, pois não se constrói uma nova cultura com o esquecimento de outra, mas pela reelaboração e uma cultura (inclusive linguística) resultante de um processo dialógico. Desse modo, considerar o dialeto do estudante, e ensinar partindo do que ele sabe é um meio de dar condições para que o novo – entre ele, o domínio do dialeto padrão, seja aprendido.

Outras questões importantes giram em torno de conceitos de gramática(s) e da valorização do texto. O ensino de gramática partindo de frases descontextualizadas perdeu espaço para uma concepção que considera a gramática como “[...] o estudo sem preconceitos do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de textos falados e escritos, portadores de discurso” (BAGNO, 2007, p. 70).

É interessante ressaltar que existe mais de um conceito de gramática e que é importante compreender algumas concepções de linguagem para entendermos que tipo de gramática queremos trabalhar no ensino de LP. Possenti (1996) apresenta que são basicamente três as concepções de linguagem. Abaixo segue uma síntese:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

I – Linguagem como transmissão de pensamento – há regras para serem seguidas para a organização lógica do pensamento; constituem as normas gramaticais.

II – Linguagem como instrumento de comunicação – é um fato social, pois pertence a todos da sociedade. Acredita-se na transmissão de conteúdo e não na interação entre professor-aluno.

III – A linguagem como forma ou processo de interação – é lugar de interação humana; interação comunicativa e produção de efeito de sentido entre interlocutores.

Para Possenti (1996), tem-se que refletir sobre a concepção de linguagem como transmissão de pensamento estuda a “gramática normativa” – defende regras da norma-culta, o “português correto”; visa o falar e escrever bem. Já o conceito de linguagem como instrumento de comunicação aborda o ensino da “gramática descritiva” – esta se interessa em descrever e explicar as línguas como são faladas. Por último, a linguagem como processo de interação considera a “gramática internalizada”, esta entende que todo falante já faz o uso de regras; e não existe falante sem conhecimento gramatical. Também existe gramática histórica, comparada, implícita, entre outras, o que importa é conhecer as concepções de linguagem e escolher o tipo de gramática a ser trabalhada de acordo com a finalidade de ensino.

Para os estudiosos até aqui citados, o estudo da gramática descontextualizada não faz sentido para quem não tem o domínio da norma padrão da língua adquiri-la. Visto que para o aprendizado é necessário um ensino em que haja significado e o estudo de regras e análise de palavras e frases soltas dificultam o processo de construção de sentido para o entendimento. Dá-se então, a importância do texto como principal ferramenta para as práticas de ensino nas aulas de LP.

O profissional da área de LP precisa refletir sobre o trabalho a partir de textos na sala de aula. Haja vista, que estes colocarão a criatividade dos estudantes em funcionamento, pois o processo de leitura e produção exige articulação relação entre locutores, temática, estilo do gênero e estilo próprio, “além do querer dizer do locutor e de suas vinculações e rejeições aos sistemas entrecruzados de referências como as compreendemos o mundo, as pessoas, suas relações” (GERALDI, 2015, p. 115). Assim, a prática a partir do texto é necessária para cumprir com as tantas funções do ensino da disciplina de LP, dentre elas a de promover estratégias para o aprimoramento da língua entre os não falantes do dialeto pa-

drão.

As considerações teóricas citadas até o momento, por um lado fizeram a diferença na prática de ensino de LP e por outro ainda merecem reflexões. Pose-se dizer que depois de mais de quarenta anos de debates, estudos, formações, entre outros, atualmente, o texto ganhou seu merecido espaço, nas aulas de LP e demais disciplinas.

Por outro lado, o dever da escola de possibilitar condições para o domínio da norma padrão não está sendo conferido a muitos estudantes, dados que constatamos, por exemplo, ao perceber as grandes dificuldades e inadequações na escrita de alunos que já avançaram a primeira etapa de ensino da educação básica, como é o caso de estudantes do 7º ano da rede pública de ensino de Guia Lopes da Laguna-MS.

Diante da problemática aqui apontada pretendemos buscar caminhos a partir das considerações teóricas até o momento apresentadas e outras também pertinentes à questão com o intuito de criar condições para que o estudante evolua no processo de aquisição da escrita.

Desse modo, apresentamos uma das estratégias que é adotar o estudo de texto a partir da concepção dos gêneros discursivos. Para Bakhtin (2016, p. 11) todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, e concretizam-se a partir de enunciados relativamente estáveis, denominados gêneros do discurso.

Levando em consideração a concepção de linguagem como processo de interação humana, comunicativa e produção de efeito de sentido, o estudo a partir dos gêneros é pertinente, pois é “uma fértil atividade interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais” (MARCUSCHI 2008, p. 155). O estudioso aqui citado ainda salienta que:

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam ao mais variado controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia. (MARCUSCHI, 2008, p. 161)

Assim, como todo texto está ligado a um gênero que atende a um propósito discursivo, evidencia-se a importância de trabalhar às aulas de língua materna explorando os gêneros textuais como meio de atender a necessidade de desenvolver conforme recomenda a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017, p.65) competências acerca das linguagens compreendidas “como construção humana, histórica, social e cultural, reconhecendo-as e valorizando-as como forma de significação da rea-

lidade [...]”.

Outra questão que vale ser ressaltada é a prática escrita voltada para a produção de gêneros textuais. Se no decorrer desse trabalho ressaltamos o árduo trabalho para a mudança de metodologia nas aulas de LP, e da aceitação de novas concepções que valorizam o texto, esquecemos de reportar ao fato de que o texto é material privilegiado para a prática de leitura, visto que a escrita ainda fica num segundo ou quiçá último plano.

Desse modo, a escola é o principal espaço para desenvolver habilidades e competências para a produção de textos escritos, porém em muitas ocasiões “[...] se limita à simples prática de reproduções de palavras, frases ou pequenos textos que estão longe de levar em consideração o caráter social dos textos escritos” (FERNANDEZ, 2012, p. 10).

Assim, Marcuschi (2008, p. 210), por exemplo, avalia os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs de LP no que tange às sugestões de gêneros previstos para prática de compreensão de textos e outros para produção textual e conclui que:

[...] nota-se que há muitos gêneros sugeridos para atividade de compreensão do que para atividade de produção. Isto reflete em parte a situação atual em que os alunos escrevem pouco e em certos casos quase não escrevem. Parece que produzir textos é uma tarefa pouco conhecida e a mais conhecida é a que diz respeito à compreensão. As atividades relativas à compreensão são sempre em maior número [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 210)

Atualmente, a BNCC (2017) traz uma proposta de trabalho com gêneros textuais que contemplam eixos da oralidade, leitura, produção textual e análise linguística interligados como meio de construção de sentido. Essa questão é importante para ressaltar que se leitura faz sentido numa proposta interacionista, a produção textual e a análise linguística também precisam fazer.

[...] a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo, e não apenas um artefato ou produto, a atenção e a análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e no modo de produção de sentido, bem como na organização e condução das informações. Como o texto é um evento que se dá na relação interativa e na suasitucionalidade, sua função central não será a informativa. Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que a compreensão daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. (MARCUSCHI, 2008, p. 242)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Sendo assim, o que se escreve na escola precisa fazer sentido para os estudantes. Fernandez (2012, p. 25) salienta que de nossa intenção comunicativa dá-se a escolha dos gêneros discursivos produzidos, por isso deve-se propor tarefas de recepção e produção de textos escritos que contemplem objetivos comunicativos concretos e em usos socialmente determinados.

Da mesma forma ocorre com nossas escolhas gramaticais. Para Wachowicz (2012, p. 23) “as situações sociais proporcionam determinadas escolhas gramaticais pelos indivíduos [...] que dentro de uma determinada atividade social escolhe estruturas linguísticas específicas que respondem ao seu propósito”.

Assim, pode-se concluir que o ensino a partir de textos materializados nos gêneros discursivos faz sentido para adquirirmos competências nos quatro eixos da língua de forma mais eficiente.

Diante do exposto, volta-se à problemática levantada neste artigo e ao objetivo proposto. Até o momento fizemos uma reflexão acerca da mudança de concepção de ensino de LP e constatamos que os textos ganharam mais espaços; que o trabalho com gêneros textuais prepara o estudante para atuar nas diversas esferas comunicativas da sociedade; mas ainda pecamos no trato à produção textual e no avanço dos estudantes ao domínio do dialeto padrão.

Sendo assim, preparamos uma sequência de atividades que propõe explorar por meio de um gênero discursivo os quatro eixos da língua com ênfase para a produção textual e esforços nas análises dos usos adequados das variedades linguísticas com foco no uso das ortografias com o objetivo de progressivamente levar os estudantes do 7º ano a melhorar sua prática de produção escrita. Segue abaixo, relato da sequência de atividades.

3. *Nas trilhas da sequência pedagógica em LP: o gênero suspense em narrativas curtas*

Para desenvolver as sequências pedagógicas em LP optou-se pelo gênero “narrativas de terror”, em específico, a lenda urbana “A loira do banheiro” com a qual realizou-se atividades de oralidade e leitura; e culminou com produção escrita de causos de assombração, seus efeitos de sentidos e usos ortográficos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A escolha do gênero deu-se por diversos motivos, entre eles pelo fascínio que os contos de terror provocam entre os adolescentes, fato que desperta interesse e os motiva ao envolvimento das atividades, principalmente o público ao qual se propôs realizar o trabalho, estudantes do 7^a Ano, que apresentam dificuldades na escrita e precisam de inspiração para desenvolver suas produções.

A turma em questão é composta por vinte e cinco estudantes, sendo oito meninos e dezesseis meninas. É um público heterogêneo, com idades diferentes, de onze a dezesseis anos; com vivências específicas, alguns moram em ambiente rural, e os da cidade tem lares diversificados, são criados por pais, avós, tios; a maioria vem do convívio com pessoas de baixa escolaridade; além disso, são alunos que têm pouco acompanhamento da familiar na vida escolar, fatores que contribuem para o baixo rendimento. Na disciplina de Língua Portuguesa, entre eles, está a dificuldade de escrita, das quais destacamos os desvios ortográficos que se fazem constantes com trocas, supressões, acréscimos ou inversões de letras, junção não convencional de palavras, entre outros; e que influenciam na construção do sentido do texto.

Muitos autores defendem que a escola deve ensinar gêneros diversificados e focar naqueles que o aluno ainda não domina. Porém, nesse trabalho consideramos a ideia de partir da realidade do estudante. Como o objetivo é alcançar os alunos que tem problemas mais graves na escrita, e sabendo que quanto maior é a dificuldade, mais alto é o nível de resistência, optamos por escolher um gênero que é comum aos alunos e lhes desperte interesse.

As narrativas de terror são familiares aos discentes do 7^o Ano, aqui trabalhado, primeiro porque, como já dissemos, é um gênero que desperta o imaginário de todos, principalmente do público adolescente, segundo porque faz parte do contexto local e cultural que estão inseridos.

Guia Lopes da Laguna é uma “cidade do interior”, rodeada de fazendas próximas, que influencia o modo de ser de muitos estudantes, que trazem consigo a oralidade muito forte, por conta do contato dos jovens com os adultos. A maioria dos alunos(as) mora neste ambiente cercado de criatividade e carregam tradições do meio rural, entre elas, a prática que os mais “antigos” tinham de contar causos de assombração. Com isso, as narrativas de enfrentamentos a seres sobrenaturais tais como sacis, lobisomens, ou fantasmas que guardavam tesouros enterrados da época

da Guerra do Paraguai são comuns.

Junto aos causos de ambiente rural, o urbano também ganhou espaço principalmente pelo acesso fácil às tecnologias que possibilitam o contato com textos em suas diversas variações e linguagens; as lendas urbanas, por conta da idade, são as preferidas do nosso público-alvo, 7º Ano.

Enfim, rural ou urbano, narrativas de terror atravessam gerações, mexem com o imaginário das crianças, e merecem ser exploradas com forma de resistir ao tempo e ainda contribuir para o desenvolvimento de competências linguísticas.

Sendo assim,construiu-se uma sequência de atividades partindo do gênero narrativas de terror, em que foi explorado os quatro eixos da língua, mas com foco na produção escrita, seus sentidos e uso ortográfico, já que os estudantes apresentam bastantes ocorrências na escrita. É desse assunto que trataremos a seguir.

As atividades se organizaram da seguinte forma:

I – Apresentação, em slides,de características do gênero narrativas de terror;

II – Leitura compartilhada através de datashow de diversas variações da lenda urbana “A loira do banheiro”;

III – Vídeos de contação de lendas urbanas e análise de estratégias para uma boa contação de causo, como entonação, pausas, gestos, etc.

IV – Apresentação em grupo de contação da lenda “A loira do banheiro”;

V – Atividades de análise de desvios ortográficos em uma produção da lenda “A loira do banheiro”;

VI – Pesquisa de causos de assombração local;

VII – Produção textual de um causo de assombração;

VIII – Autocorreção, em especial, de desvios ortográficos identificados na própria produção;

IX – Reescrita textual;

X – Confecção de livros contendo produções realizadas pelos estudantes.

Conforme antecipado, realizou-se uma sequência de atividade que envolveu oralidade, leitura e escrita. A leitura, pesquisa e contação dos causos deram-se, nesse contexto, com o objetivo de envolver os estudantes com o gênero proposto. Como dissemos anteriormente, a intenção maior era a produção escrita e o uso adequado das variedades linguísticas, paraesse fim, focamos na autocorreção, reavaliação e reestruturação das produções. Como salienta Fernández

[...] a correção e avaliação devem proporcionar ao produtor do texto respostas às suas dúvidas e soluções para suas dificuldades [...] em síntese: a correção e a avaliação devem propiciar aos alunos reflexão e a compreensão dos problemas (comunicativos, formais, discursivos, léxicos, etc.) [...] (2012, p. 36)

Desse modo, para incentivar a autocorreção, primeiramente fez-se proposta de correção de um texto fictício. Nesta, após leitura e contação da lenda “A loira do banheiro”, a professora produziu uma escrita da lenda, apresentando dificuldades que aparecem com frequência na escrita dos estudantes. A produção foi entregue como se fosse de um aluno real, logo após, solicitou-se que os discentes fizessem a correção. Para tal, as palavras que não estivessem de acordo com as regras deveriam ser identificadas, circuladas, e escritas de maneira adequada; em seguida, o texto deveria ser reescrito.

Como recurso para sanar suas dificuldades, os estudantes foram orientados a consultar o dicionário. A atividade realizou-se em dupla, para que houvesse a possibilidade de debater, dividir e compartilhar dúvidas; chegar à conclusão e assim, construir aprendizado. Segue abaixo, o texto apresentado aos alunos.

A lora do banheiro

Em São Paulo tinha uma menina lora, muito linda, com dezesseis ano de idade. Seus pai dero a mão dela em casamento, mais ela gostava de otro. Daí ela e seu amado resolvero casa e fugi pra França.

Lá na França, depois de vive um tempo felis, começaro as briga. Até que um dia, o marido da mossa mato ela afogada.

Quando a trajedia aconteceu diz que um espelio quebro na casa da mãe a mossas.

Dias depois, chego no Brasil, o corpo da lora, mais a mãe dela não sepulto. Todo dia falava que ia enterrá a filia, mais não fazia. Daí a difunta fico muitos dia com algudão no nariz e na boca até que um dia a mãe dela cansso de chora e mando interá a mossas no quintau da caza.

Tempo depois, como tudo passa, a familia foi embora e no lugar daquela

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

caza construir uma escola e onde a menina foi interada fizeram o banheiro.

Dizem que quando as meninas entraram no banheiro toda a turma ligou porque a menina morreu com medo e quem olha no espelho vê a lora do banheiro.

Dêz que me falaram dessa história não vou mais sosinha no banheiro da minha escola.

Após, a atividade acima, realizou-se uma reflexão acerca das dificuldades de escritas identificadas. Para tal, primeiramente, fez-se leitura oral e coletiva do texto. Em seguida, as palavras inadequadas foram pontuadas na lousa para discussão dos porquês dos desvios e qual a variação adequada. Com o intermédio da professora, concluiu-se, entre os estudantes, que há dúvidas por parte do produtor do texto, na escolha de letras que possuem o mesmo fonema como ocorre na troca do /s/ pelo /z/ em “felis”, “sosinha”, “naris”, entre outros; ou pela troca de /m/ e /n/ em “tinha”, “casamento”; e também porque houve reprodução da fala coloquial oral para a escrita, como em “lora” [loira], “fugi” [fugir], “fico” [ficou], entre outros. São diversas as inadequações de escritas presentes no texto analisado, e não apenas por questões ortográficas; algumas delas não chegaram a ser identificadas, umas por descuido, outras por desconhecimento mesmo. Entre as ocorrências que mais apontadas estavam às citadas acima, talvez porque estas sejam as mais recorrentes, inclusive pela turma, pois diante da correção ouviu-se muitas exclamações do tipo “Eu escrevo assim!” ou “Nossa, eu não sabia que escrevia desse jeito!”.

As principais dificuldades de escrita apresentadas são ocasionadas, principalmente, porque o aluno ainda não internalizou a grafia correta das palavras, ou por não fazer associação adequada ao transpor a fala para a escrita. Entre tantas estratégias, uma reflexão sobre a própria produção por meio de autocorreção é um recurso que pode contribuir para sanar tais dificuldades. Por isso, depois da bagagem de leitura e coleta de casos; e da primeira experiência com correção os estudantes produziram seus próprios casos de assombração e na sequência realizaram um procedimento parecido com o anterior, uma vez que os textos, apesar de serem criativos, apresentaram diversos tipos de desvios.

Após produção, houve correção dos textos. Em dupla, identificaram inadequações e, como da outra vez com auxílio do dicionário fizeram correção, e reestruturação. Dessa vez, percebeu-se, da parte dos discentes, uma preocupação maior com a escrita. Houve mais dúvidas, questionamentos, preocupação em “não errar”, diálogo com o outro, pesquisas ao dicionário, e necessidade de mediação e intervenção. Com a reestruturação, conforme esperado, a escrita melhorou, mesmo assim, permaneceram algumas inadequações. Isso demonstra que não se trata de um

trabalho com resultado imediato, mas em longo prazo; por este motivo, precisa ser constante.

Para finalizar, após última correção, cada estudante produziu um livrinho, com capa, escrita e ilustração, com a proposta de expor na feira cultural da escola. Os resultados foram de produções que despertaram o interesse pela leitura e escrita de contos que envolvem imaginação e mistério; e de admiração pela elaboração e criatividade contida nas narrativas.

Acredita-se que o trabalho desenvolvido trouxe aprendizados aos estudantes. Como salientado no item das concepções teóricas, o ensino de LP a partir de textos traz mais significado para o aprendiz, pois constrói sentidos. Assim, as sequências de atividades partindo do gênero contos de assombração, além de possibilitar produções criativas, contribuíram para reflexões acerca da escrita, em especial, no que tange à ortografia; que colaborará, futuramente, para a aquisição da norma padrão por parte daqueles que não a domina.

4. Considerações finais

Diante das concepções teóricas e das experiências pedagógicas realizadas, constatou-se que é alto o nível de dificuldade de escrita. Um dos motivos desta performance pode estar na alfabetização e como consequência há diversas dificuldades de domínio das regras ortográficas, algumas até primárias, nos textos de estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental II.

Sendo assim, fica evidente a necessidade e importância de trabalhar esta noção/relação entre os sons e as letras para a aquisição da escrita. Porém, ela precisa acontecer de forma significativa. Para isso, atividades contextualizadas, que contemplem leitura, produção, correção, avaliação e reestruturação de textos são mais eficazes para que haja o aprendizado.

Além disso, as ocorrências nos textos da turma do 7º Ano e a criticidade na escrita de suas produções, com algumas dificuldades até primárias de alfabetização, confirmam a tese de que o processo de aquisição da escrita é contínuo e, portanto, não termina no Ensino Fundamental I.

Trabalhar os quatro eixos da língua é necessário para tornar os estudantes hábeis a desempenhar qualquer uma das modalidades linguísticas, dentre elas, a escrita, que é um dos maiores desafios do professor de

LP. E a preocupação com a ortografia tem sua importância e contribuição para que o processo de aquisição da escrita se efetive, desde que esta seja trabalhada de uma maneira que produza sentido. Para isso, acredita-se que refletir sobre os conceitos normativos e didáticos do ensino de LP que privilegiam o trabalho a partir de gêneros discursivos, que possibilitará uma consciência dialógica de texto, faz a diferença. Isso significou a preocupação em produzir narrativas de suspenses para serem lidas não só pelos colegas de turma, mas por outras pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKTHIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

FERNANDEZ, Gretel Ees (Cood). *Gêneros textuais e produção escrita – teoria e prática nas aulas de espanhol como língua estrangeira*. São Paulo: IBEP, 2012.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

WACHOWIZ, Tereza Cristina. *Análise linguística nos gêneros textuais*. São Paulo: Saraiva, 2012.